O prazer não se mede aos palmos

SOCIEDADE

A questão do tamanho do órgão sexual do homem e da sua relação com o prazer esteve, desde sempre, envolta em mitos e fantasmas. Quais são, afinal, as verdades e as mentiras sobre o tamanho do pénis? E como funciona o circuito sexual masculino?

SARA SÁ

Reza um mito da tribo Múria, na Índia, que, entre os povos primitivos, o Homem Primordial tinha um pénis de tal forma grande que quando caminhava tinha de o levar enrolado à cintura. Um belo dia, o Homem teve uma erecção, ao avistar uma rapariga que estava do outro lado do rio. Então, o pénis desenrolou-se, atravessando o curso de água para chegar até à rapariga. Os outros homens da tribo, desprovidos de pénis e movidos pela raiva e pela inveja, cortaram o do Homem Primordial em bocadinhos e distribuíram-nos por todos. Assim, terá surgido uma nova geração de homens munidos de pénis com a dimensão actual.

Este é apenas um dos inúmeros mitos sobre o órgão reprodutor masculino e ilustra uma preocupação que tem acompanhado o homem ao longo da história, explorada, de forma subtil, na publicidade, no cinema, nas revistas: a dimensão do pénis e a convicção de que, quanto maior é, maior a capacidade de proporcionar prazer, numa relação sexual. «Ter um pénis grande resulta muitas vezes num estímulo, uma forma de sobressair e ser tido no seu meio como um 'grande homem'», nota Vasco Prazeres, 45 anos, médico e terapeuta sexual.

Um equívoco? «A partir de um certo comprimento, não aquece nem arrefece, até pode ser uma barreira, intimidando a mulher», esclarece o terapeuta. A vagina distende-se, em largura, com a penetração, adaptando-se ao pénis. Para o prazer da mulher, e em termos biológicos, só interessa o que se passa no primeiro terço da vagina. «Além disso, temos de nos consciencializar de que o principal órgão sexual é a cabeça», frisa Vasco Prazeres.

Medo de falhar

É, portanto, ponto assente, entre a comunidade científica, que o tamanho do pénis não está relacionado com a fertilidade, tão-pouco com a quantidade e qualidade de prazer que proporciona ao homem ou à sua companheira. Mas, então, porquê tantos problemas?

A «preocupação com o tamanho surge porque a sexualidade ainda gira muito em torno do pénis, o homem sofre o peso de se sentir o motor dos comportamentos sexuais, que se concretizam na acção do seu principal órgão sexual. Já em pequeno se fazem referências à 'pilinha' do menino», justifica o especialista, acrescentando que se um homem descobre que a companheira tem andado a fingir e que afinal ele não lhe dá prazer, durante as relações sexuais, o seu mundo «desmorona-se».

No discurso social, a tendência é desmistificar, mas nas situações concretas o medo está lá, evidenciando uma diferença entre atitudes e comportamentos. «O homem também não pode fingir que tem uma erecção, o que acarreta, desde muito novo, angústia, *stress*, medo de falhar e de não ser sufucientemente competente», complementa Vasco Prazeres.

Um dos problemas associados à dimensão peniana é o síndroma do pénis pequeno, «frequente entre o sexo masculino», afirma o sexólogo Júlio Machado Vaz, 50 anos. O homem, apesar de ter um pénis de dimensões normais, está convencido de que não tem as medidas certas, revela vergonha e evita os ginásios e a comparação com os pares. Esta convicção surge na fase juvenil – «não há adolescentes satisfeitos com o seu corpo», adianta Machado Vaz. O medo por vezes permanece até à vida adulta, revelando-se nos consultórios dos urologistas e sexólogos e nos divãs dos psicanalistas. «Um sentimento que nasce da inveja que o menino

'O pénis aparatoso exibido nos filmes é anormal; o homem, com um órgão de dimensão normal, fica aflito'

tem do pai pela comparação, impossível, que se estabelece com os adultos», conta o antropólogo José Gabriel Pereira Basto, 57 anos.

A questão tem barbas brancas. Em algumas inscrições rupestres, o pénis é representado ultrapassando as dimensões das próprias pessoas. Na Antiga Grécia, realizavam-se ritos catárticos, à volta de um monumento a um falo erecto. «Estes rituais tinham a função de exorcizar o poder desconhecido e imaginado da sexualidade feminina, elevando o poder masculino», explica Maria Belo, 62 anos, psicanalista e professora na Universidade Nova de Lisboa. Príapo, o deus grego da fertilidade masculina, filho de Afrodite e de Dioniso, foi representado com um pénis enorme. «Quer nos mitos quer na iconografia sempre houve uma inflação na imagem do pénis», adianta o antropólogo José Gabriel.

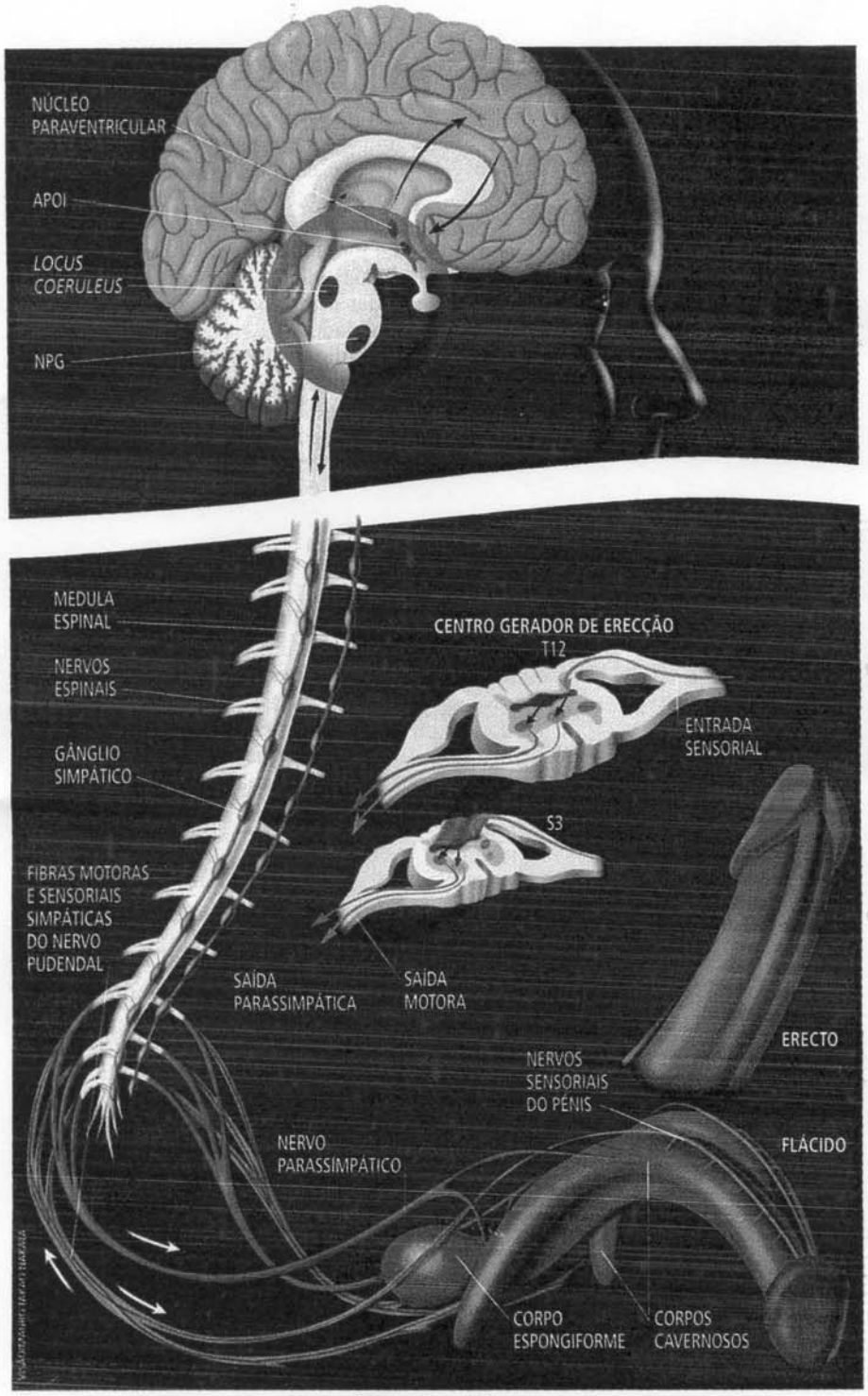
Mitos e fantasmas

«As pessoas – embora as mulheres menos – são muito penalizadoras. Aponta-se quem tem o pénis pequeno e respeita-se quem o tem grande, não adianta dizer 'o seu pénis é normal', depois de alguém ter exclamado 'é só isto!'. Neste contexto, a afirmação de que não tem de se preocupar não é apaziguadora, não acaba com a angústia do homem que julga que quanto maior o pénis, maior é a capacidade de proporcionar prazer à companheira ou companheiro», salienta Vasco Prazeres.

Ao problema do tamanho talvez não seja alheia a ideia de dominação do maior relativamente ao mais pequeno, a competição entre machos, a necessidade de exuberância para marcar a diferença e a noção de que um homem com um pénis maior é, teoricamente, mais diferente da mulher. «Relaciona-se a virilidade com a anatomia. O órgão é muito aparente e o homem salta da biologia para a sua identidade», explica Machado Vaz.

A pornografia também desempenha um papel pernicioso, levando a que «o homem não saiba qual é a medida normal do pénis», refere Nuno Monteiro Baptista, 49 anos, vice-presidente da Sociedade Portuguesa de Andrologia. «O

ONÇALO ROSA DA SILVA



Erecção: um duelo de forças

A erecção é comandada pelo sistema nervoso central, sendo continuamente inibida pelo sistema nervoso simpático (azul). Durante o sono profundo, no entanto, quando os neurónios simpáticos do locus coeruleus estão inactivos, as erecções ocorrem espontaneamente.
A outra estrutura cerebral que inibe as erecções é o núcleo paragigantocelular (NPG). Inversamente, o sistema nervoso parassimpático (vermelho) é excitante. Os estímulos tácteis ou os estímulos processados no córtex cerebral desencadeiam uma erecção. Algumas erecções (chamadas reflexas) ocorrem inteiramente no centro gerador de erecção da medula espinal, que vai da vértebra S3, terceira vértebra sagrada, à vértebra T12, décima segunda vértebra dorsal

mes e na publicidade, é anormal; por vezes trata-se de uma situação patológica e o pobre homem, que tem um órgão de dimensão normal, fica aflito», frisa o autor do primeiro estudo português de dimensão peniana, de acordo com o qual a medida média dos portugueses, em estado flácido, é de 9,8 centímetros (*ver infografia*).

Uma questão de auto-estima

O desafio dos terapeutas sexuais é, então, «ajudar a perceber que o prazer é um mecanismo cerebral, não um acto biológico e mecânico, e mostrar outras possibilidades não concentradas nos órgãos genitais», adianta Vasco Prazeres.

Neste campo há muito a fazer. O medo às vezes é tão intimidatório que alguns homens se sentem desencorajados a iniciar uma relação com receio de que o seu pénis não seja 'suficiente'. «É uma questão de auto-estima», defende Vasco Prazeres. Um pénis pequeno pode desempenhar as mesmas funções que um grande, até porque o órgão que parece minúsculo pode aumentar três a quatro vezes aquando da erecção. Um pénis grande não cresce tanto como um pequeno, já que a elasticidade dos corpos cavernosos, que se enchem de sangue na altura da erecção, é maior nos de menores dimensões.

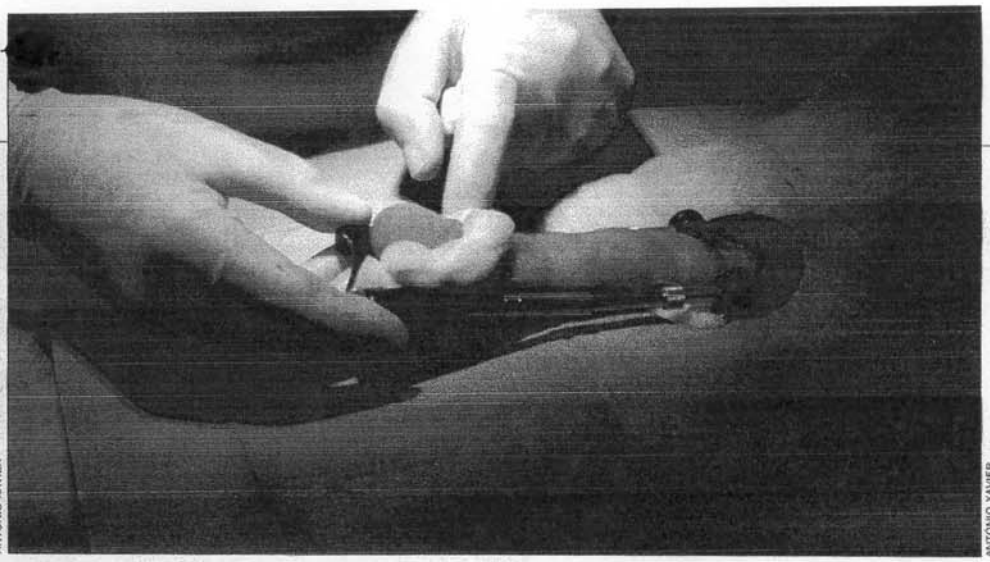
Vasco Prazeres está convicto de que «se devia já ter ultrapassado estes indicadores de masculinidade, mas há uma carga cultural enorme. Tentar convencer um homem de que não tem de se preocupar com o tamanho do seu pénis, contraria as lógicas culturais e 'genéticas'. Mesmo uma pessoa culta e informada não está imune e é atingida num ponto nevrálgico quando alguém lhe diz que o seu pénis é pequeno e não dá prazer». Por isso, muitos homens recorrem aos urologistas ou aos cirurgiões plásticos (*ver caixa*) para lhes resolverem o problema, umas vezes real, outras nem tanto.

O órgão misterioso

Ao longo dos tempos, muitos foram aqueles que procuraram descobrir os segredos do misterioso órgão que, como nenhum outro do corpo humano, cresce e diminui, contrai e descontrai.

Leonardo Da Vinci foi um dos muitos a tentar entender o funcionamento do pénis, dissecando os cadáveres de homens condenados à forca. «O pénis

ANTÓNIO XAVIER



ANTÓNIO XAVIER

Vaidade, a quanto obrigas

O senhor João (nome fictício) é técnico de vendas, tem 57 anos, um porte atlético legado pelos anos de prática de futebol (jogou na I Divisão), mulher e três filhos. De há três anos para cá tinha um desejo secreto: ver o seu pénis de sete centímetros (em estado flácido), aumentar. E cumpriu-o.

A sua companheira, «uma boneca» de 41 anos, não se queixava. «Eu, por vontade dela, não fazia nada disto», confessa.

Depois de reunidas as condições financeiras (o tratamento custou-lhe 300 contos) e escolhida a clínica, passaram três meses até que o seu pénis atingisse o dobro do comprimento e ganhasse mais dois centímetros de perímetro. O tratamento consistiu no *lipofeeling*, o preenchimento do pénis com gordura retirada do abdómen que, depois de filtrada, foi injectada no órgão sexual. Uma técnica executada em três fases, com um intervalo de um mês entre cada uma, introduzida em Portugal pelo cirurgião plástico Zeferino Biscaia Fraga.

Para se complementar a cirurgia, os pacientes devem utilizar extensores, barras metálicas que são «anilhadas» ao pénis, de forma a provocarem o seu estiramento. «É preciso força de vontade para utilizar os extensores, pois são incómodos», desabafa João. Mas o desconforto não o demove de os usar, 12 horas por dia, por um período de dois ou três meses. No fim da terceira intervenção, João está satisfeito mas tem uma pergunta a fazer ao médico Biscaia Fraga: «Ó senhor doutor, amanhã

▸ O Prazer Não se Mede Aos Palmos

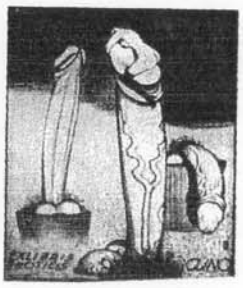
não obedece às ordens nem à vontade do seu senhor. Pelo contrário, torna-se erecto enquanto ele está a dormir», escreveu. O cientista, inventor e artista da Renancença foi o primeiro a reconhecer que, durante uma erecção, o pénis se enche de sangue. No entanto, estava enganado quando intuiu que este órgão actua «por vontade própria».

Sabe-se agora, de acordo com Irwin Goldstein, urologista da Universidade de Boston, que o pénis está sob o controlo do Sistema Nervoso Central (SNC) – cérebro e espinal medula – e qualquer perturbação na rede de nervos que liga o pénis e o SNC pode acarretar problemas de erecção.

Mesmo em descanso, o sistema nervoso está a trabalhar. Quando o homem não está sexualmente excitado, o Sistema Nervoso Simpático (SNS) limita o fluxo sanguíneo para o pénis, mantendo-o no estado de flacidez. O SNS é um dos dois ramos do sistema nervoso autónomo, aquele que controla as respostas internas, como a pressão sanguínea e o ritmo cardíaco.

Assim, se por um lado o SNS tende a inibir a erecção, por outro, o Sistema Nervoso Para-simpático (SNP), o outro ramo, provoca a excitação. É o mesmo que dizer que «a resposta sexual masculina resulta do equilíbrio dinâmico entre forças excitatórias e forças inibitórias», frisa Goldstein, num artigo publicado em Agosto, na revista *Scientific American*.

A excitação é desencadeada por sensações olfactivas, tácteis ou visuais que levam à produção de sinais excitatórios no cérebro e à libertação, no pénis, dos chamados «neurotransmissores pró-erecção». Estes mensageiros químicos avisam os músculos das artérias penianas que devem relaxar, aumentando o fluxo de sangue no órgão. Os corpos cavernosos, um tecido esponjoso, enchem-se de sangue e espandem-se, comprimindo as veias que, normalmente, transportam o sangue para fora do pénis. Esta pressão encurrala o sangue



ANTÓNIO XAVIER

OPERAÇÃO DE ALONGAMENTO DO PÉNIS
Biscaia Fraga, cirurgião plástico, opera um homem de 57 anos cujo pénis media 7 centímetros

posso ir jogar futebol?»
Às mãos do médico Biscaia chegam homens de todo o País e de todas as idades. Recentemente, o cirurgião operou um homem de 80 anos, que fez o mesmo tratamento de João. As razões que os levam ao médico são também variadas, mas a mudança de companheira é a mais apontada. Biscaia Fraga também ouve os seus pacientes queixarem-se de que no ginásio se sentem inibidos, porque os amigos os gozam por terem o pénis pequeno.

nos corpos cavernosos e produz uma erecção.

Durante todo este processo, o pénis não só recebe sinais nervosos como também os envia para o cérebro e espinal-medula. Ou seja, embora não tenha «vontade própria», mantém o cérebro bem informado acerca dos seus sentimentos.

'Recarregar baterias'

Circunstâncias que aumentam a actividade do SNS, como o *stress* ou o frio, podem temporariamente encolher o pénis, tornando-o mais flácido. Inversamente, quando é «desligada» a actividade do SNS, o órgão endurece. Um bom exemplo disso são as muito comuns erecções nocturnas. Estas actuam como um «mecanismo de recarregamento ▸

MITOS E FANTASMAS
A questão do tamanho do pénis atravessa toda a cultura ocidental

Apesar de os brasileiros ficarem aquém dos portugueses e dos norte-americanos, no que toca a medidas penianas, foram eleitos, pela médica Judith Mckay, do Royal College of Physicians, os campeões mundiais de sexo. No estudo, publicado no Atlas Penguin do Comportamento Sexual Humano, Judith afirma que «a técnica e as medidas são o menos importante para o prazer proporcionado ao companheiro. Os brasileiros ganham porque parecem ter mais senso de humor e capacidade de divertir-se com o sexo»

Fonte: Nuno Monteiro Baptista, relatório Kinsey, Bayard Fisher Santos

▸ O Prazer Não se Mede Aos Palmos

de baterias» já que, com o aumento do fluxo sanguíneo, o órgão recebe mais oxigénio para a produção de energia.

Apesar de a Ciência já ter desvendado quase tudo acerca dos aspectos biológicos do funcionamento do pénis, subsistem ainda muitos fantasmas, mitos e rituais. Em algumas tribos africanas, os homens, desde pequenos, esticam o órgão sexual com pesos, atingindo na idade adulta falos de grande valor simbólico, mas completamente inúteis nas relações sexuais.

São famosas as tentativas, feitas ao longo da história da humanidade, para estabelecer uma relação entre a dimensão peniana e outros órgãos ou objectos. Talvez uma das mais curiosas seja a relação de proporcionalidade que existia, na Idade Média, entre a biqueira dos sapatos masculinos e o tamanho do pénis do seu «dono». Também era comum os vassalos utilizarem uma espécie de coquilho, por baixo das vestes, que lhes realçava os atributos.

Uma das discussões à volta da dimensão peniana é a da variação étnica. Nuno Monteiro Pereira, 49 anos, urologista, desmistifica: «Tal como as restantes medidas antropomórficas, também a dimensão peniana varia com a raça.» De acordo com o vice-presidente da Sociedade Portuguesa de Andrologia, existem padrões de dimensão por países e os negros têm em flacidez um pénis médio maior, enquanto os orientais têm um pénis médio mais pequeno. O maior estudo de sexologia, realizado no Estados Unidos, na década de 40, no Kinsey Institute of Research, já apontava neste sentido e investigações mais recentes têm vindo a comprová-lo.

Pôr normal o que está anormal

Ao consultório de Nuno Monteiro Pereira chegam muitos homens com o desejo de verem o seu pénis aumentado. «Quando este é claramente anormal, com menos de seis centímetros, aceito realizar uma cirurgia», diz o médico. Nestes casos, a solução pode ser a faloplastia de aumento do comprimento, na qual se secciona o ligamento suspensor do pénis, realizando uma pequena incisão imediatamente acima da sua base. Após a secção, o pénis é reposicionado para a frente, o que permite um aumento de dois a quatro centímetros. Há, no entanto, um contra: o ligamento suspensor actua levantando o pénis durante a excitação e a sua remoção implica que, na erecção, tende a pender para baixo.

Uma alternativa à cirurgia, e que Monteiro Pereira recomenda aos seus pacientes, é o DEV (Dispositivo de Erecção por Vácuo), um cilindro oco com uma pequena bomba de vácuo na extremidade, no qual se coloca o pénis. A aplicação de uma pressão, produzida pela bomba, faz aumentar a circulação sanguínea nos corpos cavernosos. Com este aparelho, «de levar para casa» e dez exercícios de cinco minutos por dia, durante seis meses, consegue-se o alargamento e o esticamento, aumentando de três a quatro centímetros em comprimento e dois a três centímetros no perímetro.

«Os homossexuais são quem procura mais a cirurgia, tendo um pénis normal querem-no maior. Nestes casos, recuso-me a fazê-la», confessa o vice-presidente da SPA.

Monteiro Pereira é muito crítico em relação às cirurgias de aumento peniano por injecção de gordura, praticadas pelos cirurgiões plásticos. A sua posição coincide com a da Sociedade Americana de Cirurgia Estética e Plástica (SACEP), de acordo com a qual os pacientes podem ter complicações que incluem infecções, hemorragia e irregularidades no contorno, provocadas pela absorção de parte da gordura transferida. A (SACEP) considera o aumento peniano por injecção de gordura como uma cirurgia em investigação.

O cirurgião plástico e pioneiro na introdução desta cirurgia em Portugal, Zeferino Biscaia Fraga, 50 anos, refere que o facto de as realizar em três ou quatro fases lhe dá a oportunidade de ir corrigindo as pequenas falhas e irregularidades. Afirma ainda que nas 200 cirurgias que realizou no ano passado, apenas um paciente sofreu complicações. E o perigo não afasta os pretendentes. Afinal, qual o homem satisfeito com o tamanho do seu pénis? ■